

APRESENTAÇÃO

Para além do tempo e do espaço geográfico, a condição humana é sempre mítica, como nos lembra o filósofo Edgar Morin. Da Pré-história ao período Contemporâneo, os incontáveis grupos humanos inventaram diferentes e complexos modelos culturais e, dentro desses, condicionaram e condicionam a ordem social. A cultura, assim, como um grande invólucro simbólico, organiza o certo e o errado e as linhas mestras da existência em qualquer época ou lugar. Não vivemos sem referências, sem balizas, mesmo sabendo hoje que essas são sempre criações provisórias, mesmo entendendo que as próprias ciências humanas são elas também invenções discursivas datadas. A identidade e o imaginário são categorias que, nesse âmbito, sempre fizeram parte do mundo cultural humano, entretanto só muito recentemente o Ocidente as vem discutindo e problematizando. Por quê?

Uma resposta possível - e que nas últimas décadas vem ocupando os pensadores mais renomados - diz respeito à própria crise da modernidade. O projeto moderno, como utopia norteadora do Ocidente, impôs-se a partir do século XVIII como uma crença, como uma ideia-força que gerou imaginários “reais” e realidades imaginadas. O imaginário de Paris, por exemplo, moldou a arquitetura e as sociabilidades em diversas cidades na América; estilos e modas foram traduzidos e reproduzidos dentro das possibilidades locais. Todavia, as ideias essenciais da modernidade (revolução, progresso e aceleração) terminam, em dado momento, por desfazer a crença identitária

gerada por seu projeto utópico: o futuro deixa de ser como era antigamente. A aceleração promovida pela técnica, pela informática e pela economia globalizada desfaz o espaço-tempo da antiga modernidade.

Essa mudança no regime de historicidade quebra a linha de tempo do Iluminismo e faz com que a busca identitária se fragmente. O historiador Hartog e a urbanista Choay, por exemplo, lembram, em diferentes obras, que essa mudança no regime de historicidade vai gerar, a partir da década de 1970, principalmente, uma “inflação” do patrimônio histórico em busca de alguma identidade; “o museu, que era uma instituição, vira uma mentalidade”, lembra Choay. Nesse sentido, segundo o filósofo Gianni Vattimo, saímos da historicidade para a “não historicidade” ou “pós-historicidade”: a ideia central de progresso torna-se vazia, porque é sempre possível um novo progresso. O tempo, na cultura contemporânea, torna-se “ubiquitário”: a simultaneidade proporcionada e exigida pelo mundo virtual, eletrônico, “des-historiciza” a experiência do vivido e termina, no limite, com a própria noção de “ser” do Iluminismo.

Com a dissolução da grande via metanarrativa da modernidade, tem-se a possibilidade dos muitos caminhos menores, de múltiplas identidades. É o que diz também Hall, em obra bastante citada em alguns dos artigos desta revista. Para ele, no contexto contemporâneo, deparamo-nos com múltiplos “sistemas de significação e representação culturais” que nos permitem inúmeras “identidades possíveis” e provisórias. Tanto em termos de uma

ideia de identidade individual quanto coletiva, o que se tem, de fato, são processos de “identificação”, de localização, que são refeitos, reatualizados na dialética da permanência e da mudança.

Para as ciências sociais, esse processo vem causando, obviamente, necessárias e profundas revisões epistemológicas. Sabendo-se que a “realidade” é uma construção cultural e, portanto, relativa e que a “verdade” científica se encontra no mesmo paradoxo, resta ao pesquisador refletir sobre o fragmento, criar parâmetros provisórios, “verdades” plausíveis à comunidade científica. Na medida em que não existe mais o grande projeto moderno, tem-se, por exemplo, a possibilidade das múltiplas histórias das minorias. O sentido e a ordem preestabelecidos estipulavam certezas e um ambiente seguro, mas velavam a complexidade de uma desordem – digamos - “normal”. A crise da “verdade” moderna abre, assim, o rico caminho da dúvida.

Autores como Vattimo, Jenkins e Durand parecem concordar em um ponto central: de que a lógica cartesiana da modernidade cede lugar, nesse ambiente, à estética: a ciência abre-se para a arte, a escrita, para a imagem. Talvez por isso o imaginário tenha assumido uma posição de destaque nas ciências humanas nas últimas décadas. Se, durante séculos, o Ocidente menosprezou a imagem em nome da escrita, “mais racional”, a explosão de imagens do cinema, da TV e, agora, das redes eletrônicas exige uma reflexão do processo e abre caminhos. Sabe-se, hoje, que, como diz Silva, “todo o imaginário é real” e que “todo o real é imaginário”: a vida simbólica só pode ocorrer nesta “rede etérea e movediça”, como de fato sempre ocorreu.

Os artigos a seguir, mesmo que abrangendo distintos temas, se aproximam ao lidar com arte e linguagem, identidade e imaginário no contexto contemporâneo. Os processos criminais, por exemplo, são discursos que podem ser interpretados dentro de um imaginário de justiça e denotam as posições e identidades de seus atores. Como ficam, em outro artigo, os professores, parte fundamental da escola moderna, diante da crise do modelo que a criou? Em um terceiro, a literatura machadiana é transformada em teatro, para que se retome o prazer da leitura. *Macunaíma* e *Ulisses*, em distintos artigos, remetem-nos às fontes primordiais em que a Antropologia e a Psicanálise são utilizadas para decifrá-las. Em outro, os alunos de uma escola EJA transformam suas memórias da cidade em textos e poesias, aproximando, aqui também, imagem e texto. A arte na sala de aula como expressão de identidade e afirmação são também caminhos demonstrados aqui. O último artigo, que, em um primeiro momento, nos remete a um profundo e bem desenvolvido racionalismo científico, ao ir à raiz do processo de aquisição da linguagem, deixa claro que a imagem é imprescindível ao processo de construção da identidade.

Enfim, na medida em que não temos mais certezas preestabelecidas, as pesquisas em ciências humanas se abrem e se misturam na busca de novas imagens e de identidades possíveis. E é isso que os artigos a seguir deixam transparecer.

Prof. Dr. Luiz Antonio Gloger Maroneze
Curso de História - Universidade Feevale
Mestrado em Processos e Manifestações Culturais